



# O Café nos Livros

ARAGUAYA F. MARTINS

A Editora Cultrix vem editando uma série de dez livros na qual procura fixar, por intermédio de textos selecionados de conhecidos escritores, as histórias e paisagens do Brasil. A seleção, introdução e notas ficaram a cargo do historiador Ernani Silva Bruno. O volume VI da série foi intitulado O PLANALTO E OS CAFEZAIS. Trata-se de uma antologia de São Paulo. Dêse volume, data vênica, destacamos alguns tópicos da introdução de Ernani Silva Bruno. Observa-o arguto ensaísta:

"A despeito da crise de 1929 e dos milhões de pés de café abandonados ou quase abandonados em algumas das velhas zonas produtoras de São Paulo é evidente que a fazenda cafeeira constitui ainda um dos elementos mais típicos da paisagem social da região. A parte a baixada marinha, está presente o cafezal quase que em todo o território paulista, a despeito de sua preferência pela terra-roxa que fez a riqueza de zonas como a de Ribeirão Preto — Sertãozinho — Cravinhos, ou Bariri — Jaú — S. Manuel ou ainda Ourinhos — Avaré — Cerqueira César: o café ajuda a empurrar para oeste a franja pioneira de ocupação e colabora na reconquista econômica de velhas zonas que pareciam mortas.

Tipo de lavoura que economicamente não pode ser empreendida em áreas pequenas, a sua unidade — a fazenda cafeeira — é em geral propriedade de mais de duzentos alqueires, onde trabalham dezenas de famílias de colonos: a carpa, a colheita, a varrição, a abanação, a lavagem, a secagem, o beneficiamento e o ensacamento do produto são tarefas que pedem a mobilização de muitos braços."

E mais adiante:

"Nas velhas zonas cafeeiras — onde o desflorestamento acabou com a fatura de madeira que existe nas áreas pioneiras — as casas rurais são feitas de tijolo e telha — sendo poucas aquelas de cobertura de palha. Nas colônias de fazendas de café às vezes as casas conservam a disposição das antigas senzalas — unidas em torno de um mesmo pátio velho: outras vezes ficam isoladas em grupos de duas ou três, quase sempre de duas águas, com beiral, rebocadas e caladas, mas não raro sem ferro e com o chão atijolado ou de terra batida — tipo de colônia que ocorre também em outras grandes propriedades como as usinas de açúcar.

As sedes de fazenda — nas zonas cafeeiras mais tradicionais — são ainda amplos sobradões de dois pavimentos, mas sem requintes de acabamento, com terraços, varandas e, às vezes, escadas para fora."

"Mas na marinha — onde a ilha de S. Sebastião se tornara uma espécie de ancoradouro de cativos — e na zona norte, uma lavoura nova começou a se estender rapidamente — o café, cujo beneficiamento

se faz a ainda por meio de pilões manuais ou de monjós."

"Das zonas primitivamente ocupadas pelos cafeeiros — no litoral-norte e vale do Paraíba — começou o café a se difundir pelo oeste da província, sobretudo na área campesina, de 1840 a 1845, expandindo-se em seguida pelas zonas de Limeira, onde em 1847, na fazenda de Ibicaba, passou a ser o café, pela primeira vez, trabalhado por trabalhadores livres, no sistema de parceria — de Rio Claro, de S. Carlos, de Descalvado, de Araraquara, de Pirassununga, de Santa Rita, de Jaú — predominando ainda, no processo de beneficiamento do produto, os carretões ou ribas e os engenhos de pilões, para de 1860 a 1870 aproximadamente começaram a se vulgarizar máquinas modernas."

"Mas as próprias condições ainda primitivas dos transportes por terra — em lombo de burro — não permitiam uma expansão maior da economia da região. Melhoraram-se sem dúvida alguns caminhos — particularmente o Caminho do Mar — e se abriram outros. Em 1827 estava pronta a estrada de Santos ao Cubatão, em 1841 abriu-se a Estrada da Maioridade, picada nova na Serra, de declive mais suave, e ainda outros melhoramentos foram feitos no velho caminho, de 1862 a 1864 — sob o estímulo das necessidades de escoamento do café."

"O povoamento ia se internando, empurrado agora sobretudo pela cultura do café, engolidora de terras novas — e cerca de 1870 a linha de ocupação do território de S. Paulo, partindo de Igarapava, ao norte, passava pelas zonas de Ituverava, Barretos, Rio Preto, Itápolis, Ibitinga, Bariri, Jaú, Botucatu e Santa Cruz do Rio Pardo. Algumas povoações, por sua situação geográfica em relação às zonas povoadas, se beneficiavam das condições de entrepostos regionais."

"Também se deveu, de modo geral, ao café a ocorrência de vários fatores que se conjugaram para criar, a partir das últimas décadas do século passado, condições novas para a economia e o povoamento de S. Paulo: entre esses fatores, os mais significativos foram a construção de estradas de ferro (a partir da Santos-Jundiaí em 1867), a imigração, em grande escala, de colonos italianos para a província (particularmente desde 1886) e a industrialização, cujos impulsos iniciais se tornaram possíveis com a acumulação de capitais propiciada pelo café e com a experiência técnica dos imigrantes."

"A exportação de café passou de mais de três milhões e duzentas mil arrobas, em

1870, para mais de nove milhões e cem mil, em 1890, quando havia já duzentos e vinte milhões de cafeeiros em produção — mas pela baixa do preço e declínio da imigração italiana, a lavoura entrou em crise em fins do século, reunindo-se."

"Por outro lado, a indústria seria estimulada pela primeira Guerra Mundial — e os cafeeiros, retomando seu ritmo anterior, continuaram engulindo terras, estando em 1920 em plena produção mais de vinte e uma mil fazendas de café em territórios de S. Paulo, sobretudo então na zona da Mogiana, onde a produção chegava a mais de sete milhões de arrobas, mas também na Araraquarense, na Paulista, na Sorocabana. Nas zonas pioneiras o café fazia brotar cidades típicas, como Chavantes, assim descrita pelo autor de "Cidades Vivas", em 1923: "... é um arruial com luz elétrica e ruas de café. O desenho de sua planta se confunde com o dos cafeeiras. A rua principal, se tal nome pode ter uma aberta de terra desimpedida entre dois renques paralelos de quiosques de madeira... alinha ali adiante a casa de uma fazenda. Aqui, atrás do Banco do Brasil, é cafezal". Era o tipo da povoação cuja edificação se fazia da cúpula para a base: "... depois da estação férrea, que não substitui o rancho inexistente do tropeiro, a população antes mesmo das casas: a luz elétrica que não sucedeu à candeia; a igreja que nunca foi capela..."

James C. Fletcher no livro "O Brasil e os Brasileiros", parcialmente reproduzido in "O Planalto e os Cafezais", assevera: "Nosso local de descanso seria a importante cidade de Campinas (ou S. Carlos) a mais de cem milhas no interior. Quando nos aproximávamos dessa cidade, fui surpreendido pela beleza e fertilidade da região circundante. As grandes e antigas montanhas haviam sido deixadas muito para trás de nós, e em redor até onde pude ver, estendiam-se extensas planícies, ou antes, prados ondulados, com quase todos os acres ocupados. Havia muitas plantações de café superiormente cultivadas, entre cujo verde-escuro podia-se avistar, aqui e ali, as grandes residências caídas de branco, dos proprietários das terras."

O visconde de Taunay em "A Mocidade de Trajano", escreve:

"Durante a viagem por aqueles bonitos caminhos que são quase sempre bordados de matos, às vezes de caopeiras e até de floresta virgem e que vão cortando, ora os cafeeiros que se alinham com tanta regularidade, ora os canaviais, cuja cor verde-clara, de longe, de bem longe, os assinala, foi Trajano ao calado e meditando ou conversando com Simão.

— Que novidades há na fazenda? — perguntou ele.

— Nenhuma, Nhonho, o senhor velho está sempre triste. O cavalinho zaino de vosmecê morreu no mês passado por causa da erva."

